

## AMÉRICA LATINA

Os chefes de Estado não devem formar consenso sobre Maduro, mesmo sendo ambos de esquerda, opinam especialistas. Com viagem, petista busca reafirmar papel de liderança

# Venezuela na pauta de Lula e Boric no Chile

» INGRID SOARES  
» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva conversa nesta segunda-feira com o líder chileno Gabriel Boric em meio à tensão regional causada pelas eleições venezuelanas. Apesar de o Itamaraty afirmar que o assunto não configura como temática central do encontro, a expectativa é de que os chefes de Estado aproveitem a ocasião para debater o cenário. Do ponto de vista da política externa e interna, o petista enfrenta um dos maiores testes diplomáticos e de gestão de seu mandato enquanto busca manter o papel de liderança política na América do Sul. Na avaliação de especialistas, porém não haverá concordância política na visita.

“É mais do que natural que dois presidentes conversem sobre a região, especialmente em um encontro privado. É o momento de falar mais livremente”, respondeu a secretária de América Latina e Caribe do Itamaraty, embaixadora Gisela Maria Figueiredo Padovan, ao ser questionada por jornalistas durante o briefing da viagem.

Os presidentes divergem. Boric adotou uma posição mais dura contra o regime Maduro, dizendo ser “difícil de acreditar” na reeleição do ditador. O Chile se alinhou com países, como a Argentina, Uruguai, Estados Unidos e Peru.

Como consequência, as nações tiveram seus corpos diplomáticos expulsos. O Brasil assumiu a embaixada argentina a pedido do governo de Javier Milei, para proteger os seis opositores de Maduro que estão refugiados no local, e que foram ameaçados de prisão pelo governo chavista. Questionada se o Brasil pode assumir a Embaixada do Chile, que também foi esvaziada, Gisela não comentou.

Lula e Boric dificilmente vão formar um consenso sobre as eleições na Venezuela, mesmo sendo ambos líderes de esquerda. Vale lembrar que o chileno já fez, publicamente, duras críticas à proximidade de entre o petista e Maduro.

Em março do ano passado, quando Lula chamou de “narrativas” as acusações de violação dos direitos humanos pelo regime chavista, Boric rebateu. “É uma realidade séria. Eu tive a oportunidade de vê-la nos olhos de centenas de milhares de venezuelanos que vivem na nossa pátria e que exigem uma posição firme e clara de respeito aos direitos humanos em todo o lugar, independentemente da coloração política do governante do momento”, disse na ocasião.

## Cooperação bilateral

Segundo a embaixadora Gisela, a visita de amanhã marca a reaproximação entre os dois países e o objetivo é diversificar uma relação que já é sólida. O Brasil é o terceiro maior parceiro comercial da nação vizinha, com um fluxo de US\$ 12 bilhões, levemente superavitário para o lado brasileiro. “Temos um comércio relativamente equilibrado com o Chile, mas acho que falta um pouco de diversificação. Nós exportamos basicamente petróleo, automóveis e carne, e importamos cobre, pescados e minério.”

Um dos objetivos do Brasil é construir uma base de indústria de Defesa na região, considerando que os dois países já possuem parcerias militares. Por exemplo, o Chile negocia com a Embraer desde os anos 1970, e opera 22 caças brasileiros Super Tucano. O Brasil se coloca à disposição para quando o governo chileno renovar sua frota, e pretende também vender o cargueiro C-390.

Por sua vez, os interesses chilenos incluem segurança pública, segurança cibernética, combate ao crime e atuação em desastres naturais, já que o país é frequentemente atingido por terremotos, deslizamentos e outras catástrofes.

Ed Alves/CB/DA.Press



Encontro prevê ainda acordos bilaterais nas áreas de exportação, turismo e transição energética

## Agenda do petista em Santiago

### Hoje

20h (horário do Chile) - Chegada ao Chile

### Amanhã

#### Pela manhã

- » 8h-9h - Oferenda de flores no monumento Libertador Bernardo O'Higgins
- » 10h - Chegada ao Palácio de La Moneda
- » Foto oficial com Gabriel Boric
- » Reunião privada com Boric
- » Assinatura de acordos
- » 12h30 - Declaração conjunta à imprensa

» 12h45 - Troca de condecorações

» 13h - Almoço oficial oferecido por Boric

» À tarde (ainda sem horários definidos)

» Reunião com o presidente do Senado do Chile, José García Ruminot

» Reunião com a presidente da Câmara de Deputados, Karol Cariola

» Reunião com o presidente da Corte Suprema, Ricardo Blanco Herrera

» Audiência com o CEO da Latam, Roberto Alvo

» Audiência com o secretário-executivo da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), José Manuel Salazar-Xirinachs

» 19h Encerramento do Fórum Empresarial Brasil-Chile

» Jantar oferecido pelo embaixador do Brasil em Santiago, Paulo Roberto Soares Pacheco

### Terça

» 9h - Reunião com a prefeita de Santiago, Irací Hassler

» Reunião com o ex-presidente chileno Ricardo Lagos

» 12h30 - Volta ao Brasil

Segundo o chefe da divisão de Argentina, Uruguai e Chile, ministro Carlos Fernando Gallinal Cuenca, pelo menos 17 acordos de cooperação estão prontos para serem assinados em Santiago, e outros 10 estavam na fase final de negociação. “Nesse sentido, o adiamento facilitou para que uma lista que já era grande ficasse ainda mais longa”, brincou o diplomata.

Os acordos incluem a certificação eletrônica de vinhos e bebidas, na agricultura, mineração, turismo, cooperação entre as academias diplomáticas dos dois países sobre questões de gênero — área em que o Chile lidera — cooperação em saúde pública, direitos humanos, governo digital, ciência espacial, e um novo acordo de extradição.

Outro projeto de interesse que será discutido com o governo chileno é a finalização do Corredor Bioceânico de Capricórnio, que ligará Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, ao litoral norte do Chile. A meta é criar um caminho rodoviário mais barato para escoar a produção do Centro-Oeste para a China e outros países da Ásia, por meio do Oceano Pacífico. A rota envolve Brasil, Chile, Argentina e Uruguai, e a estrada já está praticamente pronta. As nações discutem agora a modernização dos serviços aduaneiros e logísticos.

“Sem contar o desenvolvimento do próprio corredor. Ou seja, ao existir uma estrada, tem posto de gasolina, restaurante, então você vai criando um movimento ao longo da própria estrada”, argumentou Gisela.

## Sem concordâncias

Para a professora de direito internacional da Universidade de São Paulo (USP) Maristela Basso, a tomada de posição brasileira e da América Latina sobre a situação

do pleito venezuelano certamente será tema da reunião.

“Lula deve buscar uma posição concertada. Daí porque Chile, Colômbia, Bolívia e Peru são países importantes. O Brasil não pode ficar numa posição isolada de apoio a Maduro nem de neutralidade. Terá que se posicionar. A guerra da Ucrânia e os últimos acontecimentos no Oriente Médio também estarão na pauta das reuniões”, acredita.

O Brasil reivindica o papel de líder regional e usa essa estratégia para se cacifar como player global, como um representante dos países da região nos fóruns multilaterais e como representante de países periféricos de modo geral. Para tanto, precisa costurar um consenso representativo na América do Sul, analisa a professora de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Mayra Goulart.

“Para que Lula seja bem-sucedido nessa dinâmica é fundamental que exerça um papel de ente estabilizador nos conflitos da região, ele não pode ser visto como um ator que coloca fogo na disputa, mas sim um player que atua para garantir a institucionalidade, e é dessa maneira o presidente brasileiro tem buscado se posicionar”, observa.

“Lula tem deixado bem claro que nenhum outro país ou mesmo a OEA pode intervir de modo a exigir recontagem ou interferir de maneira deliberada na realização de processos e escolhas de outros países, no sentido de respeitar a autodeterminação dos povos. Para exercer essa função de liderança, cabe ao presidente fazer o que ele está fazendo no Chile, encontrar-se com as outras lideranças, articular um posicionamento o mais comum possível, o mais representativo

de todos os entes aqui da região. Acredito que essa viagem deve ser entendida nessa direção”, acrescenta.

O diplomata e professor Paulo Roberto de Almeida ressaltou que Boric e Lula pertencem a duas famílias diferentes da esquerda.

“Boric é de uma esquerda renovada, democrática. Lula, pela formação do PT, que é um partido socialista esquerdista atrasado, adere a concepções anacrônicas do velho anti-imperialismo ou latino-americano. No caso da Venezuela, desde a reunião de líderes da América do Sul feita em Brasília no fim de maio de 2023, alguns representantes da esquerda e vários da direita condenaram a leniência com que Lula recebeu o ditador Nicolás Maduro. Ali, já ficaram bastante claras as diferenças entre as concepções dos dois dirigentes”, aponta.

Na visão de Almeida, não há que se esperar concordância entre os presidentes sobre questões políticas. “Veremos a retórica vaga geral em favor da integração, do desenvolvimento, da unidade latino-americana e do tratamento político dos conflitos, mas o encontro não configura uma reaproximação, uma vez que Lula e o PT continuam confirmando o apoio ao ditador Maduro enquanto que Boric e outros dirigentes já reafirmaram que as eleições não foram legítimas”, frisa.

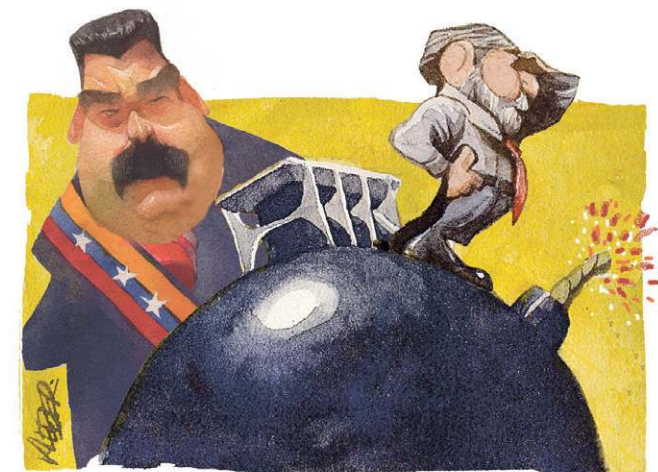
“Não cabe esperar uma aproximação simpática entre ambos. Na minha previsão, será um encontro um pouco hipócrita da parte de ambos. O Boric vai se esforçar pra não chocar muito o Lula sobre o apoio que este dá a Maduro e outras ditaduras. Evidentemente, o presidente não vai se esforçar para não confrontar a posição mais decisiva de Boric no confronto com a Venezuela”, conclui.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



## Um caso perdido

Quem quiser que se iluda: a não ser que haja uma grande rebelião popular, Nicolás Maduro se consolidará como ditador da Venezuela. Usará de todos os recursos institucionais de que dispõe para sua permanência no poder por mais seis anos, reprimirá duramente a oposição e contará com apoio internacional suficiente para sustentar essa posição. Ainda que enfrente grande reação no Ocidente democrático, liderada pelos Estados Unidos. Os esforços do Brasil, do México e da Colômbia para que o resultado das urnas seja respeitado fracassaram.

A Venezuela conta com forte apoio dos seus militares e do eixo euroasiático formado por Rússia, China, Coreia do Norte e Irã, além do apoio de Bolívia, Cuba, Honduras e Nicarágua. Esse sistema de alianças garantirá a sobrevivência do regime venezuelano, mesmo diante do bloqueio econômico que certamente sofrerá dos Estados Unidos e da União Europeia, além de Argentina, Chile, Costa Rica, Panamá, Peru, República Dominicana e Uruguai, países com os quais rompeu relações diplomáticas. Os esforços do Brasil e da Colômbia, que ainda tentam uma saída negociada para a crise venezuelana, estão fracassando.

É uma situação delicada para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que sofre grande desgaste interno em razão de suas relações históricas com o chavismo e uma posição que muitos consideram dúbia, por causa de declarações que com contemporizam com Maduro e, de certa forma, teceram o roteiro que o venezuelano pretende seguir para se legitimar perante o Brasil. O petista havia dito que a oposição deve contestar os resultados oficiais na Justiça, como se houvesse independência do Legislativo e do Judiciário na Venezuela. Maduro agarrou a proposta com as duas mãos.

É uma espécie de feitiço contra o feiticeiro. O ativismo diplomático de natureza ideológica de Lula, na América Latina, desde a posse, coleciona fracassos, porque não dá conta das contradições e da diversidade política da região, ao contrário da nossa tradição de política externa pragmática e independente, que poderia ser mais bem-sucedida sem esse viés esquerdista. Todos os setores democráticos que apoiaram Lula contra Jair Bolsonaro, em 2022, para interromper a deriva autoritária em que o país estava, agora cobram seu posicionamento contra a permanência de Maduro no poder. Não foi por falta de aviso.

A possibilidade de Brasil, Colômbia e México serem fiadores de uma solução negociada do impasse subiu no telhado: Maduro precisaria reconhecer a derrota ou convocar novas eleições, sob supervisão internacional. Isso dependeria de uma escalada de endurecimento da posição dos Estados Unidos e de uma fissura interna nas Forças Armadas. Não parece ser o que vai acontecer.

## Militares

A América Latina passa por uma curva da história, moldada pela presença crescente da China, com investimentos em infraestrutura e recursos vitais, que desafiam a influência dos Estados Unidos na região. A China é um parceiro valioso, principalmente para o Brasil, apesar dos riscos de dependência econômica.

Essa disputa com os EUA, porém, no caso da Venezuela, tem um ingrediente muito perigoso: o pacto militar com a Rússia, que fornece equipamentos bélicos às Forças Armadas venezuelanas. Os militares ganharam mais força e poder durante o governo de Hugo Chávez, entre 1999 e 2013. Sua fidelidade ao governo sustentase no poder (ocupam cargos importantes), no dinheiro (controlam petróleo e minérios) e no medo (a dissidência não é tolerada).

A tensão entre Venezuela e Guiana sobre o território do Essequibo, por causa do petróleo, exacerba essa influência militar. A presença dos Estados Unidos na América Latina continua hegemônica, mas precisa oferecer alternativas aos investimentos chineses, manter o equilíbrio geopolítico e respeitar a soberania dos países da região. Diplomacia e cooperação precisam caminhar de mãos dadas com a democracia, os direitos humanos e o desenvolvimento sustentável.

Um ambiente de paz e equilíbrio na região depende muito do posicionamento do Brasil, que tem 1.987.000 militares na ativa, além de 84 milhões de reservistas. O Brasil possui 723 aviões, 255 helicópteros, 1.707 veículos terrestres, 180 lançadores de foguetes, 110 embarcações e cinco submarinos de combate. Em contraste, a Venezuela conta com 280 aviões, 104 helicópteros, 700 veículos terrestres, 52 lançadores de foguetes, 50 embarcações e dois submarinos.

Entretanto, por causa da Venezuela, crescem a instabilidade e o risco de confrontos na região. No caso da Guiana, a presença de ExxonMobil e as ameaças de anexação de Essequibo pela Venezuela farão com que os norte-americanos queiram implantar uma base militar no país vizinho, uma ex-colônia britânica. O foco dos EUA na América Latina é a garantia dos seus interesses comerciais, políticos e geoestratégicos, e a consolidação de sua posição como liderança em todo o continente americano.

O Brasil precisa ser claro em relação à sua parceria com os Estados Unidos, um aliado estratégico regional para questões de segurança, como na Segunda Guerra Mundial, quando o país se juntou aos aliados no combate ao nazifascismo na Europa. Mas também como um parceiro comercial, pois é o principal destino de nossas exportações industriais, afóra o potencial de parcerias nos campos do pré-sal.

É UMA ESPÉCIE DE FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO. O ATIVISMO DIPLOMÁTICO DE NATUREZA IDEOLÓGICA DE LULA, NA AMÉRICA LATINA, DESDE A POSSE, COLECIONA FRACASSOS